



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CFORM/MEC/SEEDF

**A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NA VISÃO DO ALUNO DO 8º ANO DO
E.F.: UM PROJETO DE FOTOGRAFIA DO CENTRO DE ENSINO 101 DO
RECANTO DAS EMAS – SEDF**

ÉRIKA GUEDES DA CONCEIÇÃO

Professora Orientadora: Maria do Rosário Cordeiro Rocha

Brasília/DF - 2015

ÉRIKA GUEDES DA CONCEIÇÃO

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NA VISÃO DO ALUNO DO 8º ANO DO
E.F.: UM PROJETO DE FOTOGRAFIA DO CENTRO DE ENSINO 101 DO
RECANTO DAS EMAS – SEDF

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Letramentos e Práticas
Interdisciplinares nos Anos Finais (6ª a 9ª
série) como requisito parcial para obtenção
do título de especialista em Letramentos e
Práticas Interdisciplinares.

Orientadora:

Professoras Responsáveis Cform/UnB: Eni Abadia Batista
Maria do Rosário Cordeiro Rocha

Brasília, dezembro de 2015.

**A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NA VISÃO DO ALUNO DO 8º ANO DO
E.F.: UM PROJETO DE FOTOGRAFIA DO CENTRO DE ENSINO 101 DO
RECANTO DAS EMAS – SEDF**

ÉRIKA GUEDES DA CONCEIÇÃO

Projeto aprovado em 05 de dezembro 2015

Banca examinadora:

1º membro (orientadora): Maria do Rosário Cordeiro Rocha

2º membro Externo: Profª. Carmem Jená Machado

3º membro Interno: Profª. Isabel Gorgosinho

Dedicatória

Aos alunos do 8º ano A do CEF 101 do
Recanto das Emas.

Agradecimentos

Aos amigos e familiares por acompanharem e fazerem parte desse processo.

*“No fundo a Fotografia é subversiva,
não quando aterroriza,
perturba ou mesmo estigmatiza,
mas quando é pensativa.”*
ROLAND BARTHES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1.1 A multimodalidade utilizada em sala de aula	10
1.2 O uso da imagem na compreensão da escrita	11
1.3 Letramento	15
1.4 A Fotografia	17
2.METODOLOGIA.....	22
3.ANÁLISE DOS DADOS.....	24
3.1 Gramática do design visual.....	27
3.2.Análise de imagens	30
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5. BIBLIOGRAFIA	42
6. ANEXOS	44

RESUMO

Projeto de fotografia com análise de imagens fotográficas do ambiente escolar, seguindo os princípios da Gramática do Design Visual , de Kress e van Leeuwen, desenvolvido do Centro de Ensino 101 do Recanto das Emas, nos meses de março a setembro de 2015, no qual alunos do 8º ano A, idade entre 13- 14 anos, realizaram seus próprios registros fotográficos como contribuição para as práticas pedagógicas de letramento em sala de aula.

.

INTRODUÇÃO

A Fotografia, desde as primeiras décadas de sua existência já mostrava o seu imenso potencial de uso. A produção fotográfica de álbuns ou de coletâneas impressas abrange um espectro ilimitado de atividades, especialmente urbanas, e que dão a medida da capacidade da fotografia em documentar eventos de natureza social ou individual.

Hoje em dia ela, a fotografia, é um dos meios pelo qual as pessoas se comunicam. Atualmente muitas pessoas têm em suas mãos algum aparelho, seja celular ou outro equipamento, que possa utilizar esse recurso como forma de expressão.

Com a revolução tecnológica, intensas mudanças ocorreram na sociedade contemporânea e elas refletiram também no sistema educacional.

Em sala de aula, notamos a utilização desse recurso pelos alunos. Tendo como base o currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) e com o intuito de avaliar a utilização dessas mídias nas aulas de artes, surgiu essa pesquisa que tem por finalidade apresentar a análise do resultado do projeto de fotografia realizado pelos alunos do 8º ano do Centro de Ensino Fundamental 101 do Recanto das Emas – DF e responder ao seguinte questionamento: Que significados podem ser observados nas representações fotográficas produzidas pelos alunos?

O projeto “A percepção do espaço escolar na visão do aluno do 8º ano do Centro de Ensino Fundamental 101 do Recanto das Emas” faz parte dos objetivos de estudo do currículo da SEDF. A utilização da fotografia como produção artística dos alunos pode contribuir para que o olhar do estudante acerca do ambiente escolar passe a ser de conservação, de preservação e contribui para as práticas de multiletramentos na escola.

Mediante o conhecimento das categorias de análise visual, o projeto didático visa a integrar esses conhecimentos teóricos às atividades pedagógicas

aplicadas em sala de aula. O trabalho pedagógico com a fotografia aborda os aspectos inerentes a esse gênero visto que a linguagem visual tem elementos que por si só produzem sentido.

Os alunos utilizaram a fotografia para fazer seus próprios registros, aprendendo a olhar, a selecionar e a ver o mundo, no caso o ambiente escolar, como resultado do projeto.

Composto por capítulos, este projeto aborda a multimodalidade em sala de aula e o uso da imagem na compreensão da escrita.

Permeia pelo letramento, a fotografia, metodologia e análise de dados.

Segue com a gramática do design visual e finaliza com a análise das imagens.

Algumas imagens foram acrescentadas ao anexo para uma apreciação do trabalho desenvolvido pelos alunos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A multimodalidade utilizada em sala de aula

Durante longos anos, a escola esteve focada no ensino da linguagem verbal, ou por meio das regras gramaticais, ou pelas atividades monótonas de leitura. Segundo pesquisas, isso acarretou em um déficit em relação às linguagens não verbais. Temos então alunos e, consequentemente, cidadãos que não conseguem estabelecer conexões e depreender sentidos de uma imagem ou quando muito veem a imagem apenas como um complemento para o que se está escrito, são iletrados visuais.

Os cidadãos estão sendo cada vez mais expostos à leitura de textos que misturam escrita, layout, imagens, som e objetos 3D. Apesar do uso intensivo da imagem fora do ambiente escolar, ainda é insuficiente o uso dessas imagens para fins pedagógicos. Nesse sentido, nas últimas décadas, pesquisas realizadas em diferentes correntes da linguística têm dedicado parte de seus estudos ao que se refere às “práticas do (multi) letramento” como instrumento do exercício da cidadania.

Um dos desafios do ensino da língua portuguesa tem sido a dificuldade de saber qual linguagem usar em determinadas situações, além disso, saber identificar os diferentes níveis de formalidade. Muitos saem das escolas sem saber interpretar textos e sem saber expressar-se fora das situações a que estão acostumados. (Antunes, 2007)

Isso requer um trabalho efetivo com a multimodalidade, ou seja, um estudo que ultrapasse os limites do código linguístico e passe a considerar as diferentes modalidades semióticas como produtoras de sentido do texto. No entanto, observa-se que as atividades de leitura e produção de texto praticadas corriqueiramente durante as aulas de língua portuguesa (só nas aulas de português? As outras disciplinas trabalham a leitura de imagens?) não exploram suficientemente a interação entre um texto verbal e o não-verbal. Linguagem verbal é uso da escrita ou da fala como meio de comunicação, Linguagem não-verbal é o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, tom de voz, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como meio de comunicação.

A multimodalidade é entendida, em termos gerais, como a co-presença de vários modos de linguagem, sendo que os modos interagem na construção dos significados da comunicação social. O que é importante nessa visão de uso de linguagens é que os modos funcionam em conjunto, sendo que cada modo contribui de acordo com a sua capacidade de fazer significados.

A comunicação humana é essencialmente multimodal, pelo fato de que os modos semióticos não funcionam separadamente, mas em uma interação, todos realizando os significados que fazem parte de seu potencial semiótico (Kress, 2006). A multimodalidade é um conceito pertinente para uma discussão mais ampla, em relação à ideia de que na sociedade atual, graças à tecnologia, a comunicação é configurada não somente por textos tradicionais, mas cada vez mais por textos digitais. Em termos escolares, o letramento deve ser revisto como uma questão de multiletramento. O aluno precisa entender que existem três linguagens, a verbal, a visual e a digital, e que elas são, ao mesmo tempo, independentes e interativas, na criação de significados.

Existe um bom número de estudos teóricos sobre a multimodalidade e também estudos que levam os conceitos de multimodalidade para o ensino, inclusive para o ensino de língua materna e estrangeira. A maioria desses estudos enfoca a linguagem visual, ou seja, as imagens, que são uma presença marcante em materiais didáticos. De fato, uma tendência atual nos materiais didáticos de língua materna estrangeira é a presença de fotos, desenhos, cores, fontes diversas, e outros elementos visuais.

Além disso, duas observações podem ser feitas sobre as imagens nos livros didáticos atuais. Uma é que as imagens têm, às vezes, traços peculiares devido às adaptações para o fim pedagógico, um processo chamado também de didatização.

As imagens refletem a visualidade que permeia as nossas atividades acadêmicas, profissionais e sociais na vida contemporânea. Nesse respeito, as imagens estão imbricadas nos significados das nossas atividades sociais, tendo inclusive um papel forte na construção dos valores e das crenças em nossa “cultura visual” (Sturken e Cartwright, 2001).

Para entender melhor as demandas didático-pedagógicas desse “mundo visual”, apresento, no capítulo sobre a gramática do desing visual, a proposta teórico-metodológica de Kress e van Leeuwen (2006),

Kress e van Leeuwen defendem que as estruturas visuais assemelham-se às estruturas linguísticas, visto que aquelas também expressam interpretações particulares da experiência, além de se constituírem como formas de interação social.

Desse modo, as escolhas de composição de uma imagem também são escolhas de significados.

Significados pertencem à cultura, ao invés de modos semióticos específicos. Por exemplo, aquilo que é expresso na linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas oracionais, pode, na comunicação visual, ser expresso dessa forma as escolhas de uma imagem também são escolhas de significados.

Expressar algo verbalmente ou visualmente faz diferença.

1.2 O uso da imagem na compreensão da escrita

Nas últimas décadas, estudos de pesquisadores de vários ramos da linguística têm recomendado que o gênero discursivo, enquanto uma prática social, deva orientar a ação pedagógica com a língua materna, privilegiando o contato real do estudante com a multiplicidade de textos produzidos e que circulam socialmente.

Além da palavra escrita, um enorme aparato semiótico tem desempenhado importante papel constitutivo nos textos pós-modernos, principalmente nos textos midiáticos como jornais, revistas, livros, cartazes publicitários, dentre outros.

Chamo a atenção para o fato de que nossa sociedade está cada vez “mais visual”, mostrando que os textos multimodais “são textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”. Dionísio (2006, p. 160)

Em virtude disso, o conceito de multimodalidade torna-se imprescindível para analisar a inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos, além de possibilitar a compreensão dos sentidos sociais construídos por esses textos, bem como a sua importância nas práticas de letramento.

Kress e van Leeuwen consideram a linguagem visual uma representação simbólica influenciada por princípios que organizam possibilidades de representação e de significação em uma dada cultura. Ao considerar-se este aspecto, é importante pensar no que está envolvido na sua leitura, como se dá o processo da construção de sentidos, no qual a intencionalidade do autor, a materialidade do texto e as possibilidades de ressignificação do leitor podem estar presentes.

Nesse mundo multimodal em que a imagem tem sido um elemento constitutivo da representação da realidade social, só a leitura do texto verbal não é suficiente para a produção de sentidos. É preciso, portanto, novos letramentos que desenvolvam capacidades específicas de leitura de imagens e outras semioses. Quando nas atividades de ensino-aprendizagem de língua portuguesa em que estão presentes gêneros multimodais como, por exemplo, tiras, charges, propagandas, e não são considerados seus elementos verbais e visuais, a compreensão do todo do enunciado pode ser prejudicado.

Algumas considerações podem ser feitas sobre as imagens nos livros didáticos atuais. Uma é que as imagens têm, às vezes, traços peculiares devido às adaptações para o fim pedagógico, um processo chamado também de didatização.

1.3 LETRAMENTO

Na década de 1980, as pesquisas nas áreas da linguística aplicada e da educação priorizaram as investigações sobre os aspectos sociais que interferiam/determinavam os processos de aquisição e desenvolvimento da língua oral e escrita. Nesse contexto, surge o conceito de letramento, que amplia a compreensão a respeito do desenvolvimento das tecnologias do ler e escrever, ao focalizar as práticas sociais de linguagem concretizadas pelos sujeitos para fins de interação social.

Tradução de *literacy*, o termo letramento passou a representar tanto o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita quanto à utilização destas em práticas de interação verbal, destacando o aspecto social da aprendizagem da língua. Dessa forma, os estudiosos da linguística aplicada e da educação colocaram, no centro de suas discussões, a indissociabilidade entre linguagem e sociedade.

Assim, os estudos sobre letramento abarcaram as novas abordagens dos estudos linguísticos – impulsionadas pelas ideias de Mikhail Bakhtin (1992) – que passaram a enfocar as funções sociocomunicativas da linguagem humana. Nesse paradigma, letramento envolve também as apropriações da leitura e da escrita realizadas à margem da escola, superando os modelos tradicionais de domínio da língua escrita que eram vislumbrados pelas instituições de ensino.

Os saberes sobre a língua, apreendidos dentro e fora da escola, devem ser interpretados conforme as especificidades de construção desses conhecimentos, pois as aprendizagens linguísticas intra e extraescolares são assimiladas de maneiras diferentes. Por essa razão, devem ser consideradas – sob perspectivas distintas, porém complementares - quando pensamos em educação. Mollica (2007, p. 11 e 12).

Magda Soares (2004, p. 111) enfatiza que há uma grande variabilidade de eventos e práticas de letramento, talvez por isso se possa falar de letramentos escolares e letramentos sociais. Além disso, essa autora defende a ideia de que os letramentos são sempre situados, ou seja, realizam-se em condições específicas, portanto são dotados de especificidades que os distinguem, “embora sempre imersos em processos sociais mais amplos; [...]” (Soares, 2004, p. 111).

A vida na sociedade moderna é marcada por situações de comunicação em que vários tipos de linguagem são usados ao mesmo tempo. Por exemplo, uma reportagem jornalística pode incluir o texto do artigo escrito, ao lado de uma foto ou uma tabela e também um infográfico, e cada elemento traz algum significado para a reportagem como um todo.

Bagno (2002, p. 54-58) associa letramento à noção de gêneros textuais, uma vez que, na opinião desse pesquisador, a aprendizagem da língua (fenômeno social) dá-se num *continuum* de relações entre modalidades (oral e escrita) e as formas do discurso (gêneros textuais), pois os gêneros representam as concretizações empíricas da língua; ou seja, os gêneros são produtos que surgem das necessidades de comunicação e experiências humanas, e não apenas do estudo institucionalizado. Nessa perspectiva, Bagno (2002, p. 56) enfatiza que “[...] as práticas orais têm um lugar de importância igual à das práticas escritas [...]”.

Roxane Rojo afirma, especificando melhor o conceito de letramento:

[...] para ler (...) não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras e sons da fala. É preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. (p. 44)

1.4A FOTOGRAFIA

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 1989, p. 101)

Ao surgir no século XVIII, a fotografia rapidamente se constituiu numa importante fonte para o conhecimento histórico, inicialmente alvo das atenções artísticas, vista com desconfiança no meio acadêmico, enquanto fonte de pesquisa, o certo é que a fotografia tem a capacidade de possibilitar “informação e conhecimento, instrumento de apoio nos diferentes campos da ciência e também como fonte de expressão artística” (Kossoy, 1989, p. 14).

Pode ser material de pesquisa para a História, assim com para diversas outras ciências que buscam a partir das imagens explicar as transformações pelas quais a humanidade passou, seja no mundo natural: como paisagens, pessoas; como no material: ruas, edifícios, veículos de transporte, etc. A fotografia ficou por muitos anos relegada a mero instrumento de ilustração da linguagem escrita.

Muitas pessoas desde o início do surgimento da fotografia, passaram a considerá-la como a expressão do real, do verdadeiro, dando a ela uma importância muito grande, de imagem da verdade, já outra corrente de estudiosos deram a ela um lugar secundário em seus estudos, priorizando os documentos escritos, de certa forma este pensamento predominou, e as imagens, principalmente a fotografia ficou relegada a um segundo plano no trabalho de investigação histórica.

O certo é que a fotografia se constitui num dos mais democráticos meios de perpetuação das memórias e das emoções das pessoas, seja retratando seus familiares como lugares e acontecimentos festivos ou tristes, conforme afirma Kossoy (1989, p. 16) “a fotografia é um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”.

Preservando e perpetuando imagens, as quais o tempo dá cabo de extinguir, permanecem gravadas a espera de um trabalho investigativo que busque traduzir em palavras o que as imagens querem dizer, não podemos esquecer que

muitas vezes, também as imagens formam e são manipuladas para se dar uma falsa impressão sobre a realidade retratada, a montagem de ambientes e poses podem muito bem confundir e até induzir ao erro na interpretação das fotos, por isso a necessidade do complemento escrito ou da verbalização oral, através da memória de personagens retratados nas fotos.

Desta forma, torna-se primordial o trabalho do estudioso ou do interessado em preservar de forma o mais fiel possível o real significado das imagens buscando a memória dos mais velhos, recuperando nas suas lembranças o significado representado nas imagens.

Ainda em relação à subordinação da linguagem imagética em relação a verbal, Kossoy afirma que:

As fotos não são meras ilustrações ao texto. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência da realidade que os originou (1989, p. 20).

E é desta forma que a fotografia deve ser utilizada, não como um acessório a linguagem verbal/escrita, mas como sendo mais uma fonte de análise histórica, a qual pode ser muito reveladora e instigante a que se permite estudá-la profundamente.

As primeiras formas de obtenção do congelamento e gravação da imagem remontam à câmara escura que permitira ao homem “congelar” imagens para a posteridade, posteriormente com o surgimento da máquina fotográfica propriamente dita, observamos a necessidade premente que os indivíduos têm de guardar, principalmente, sua imagem ou de seus familiares para a posteridade, num determinado espaço e época.

Desta forma a “imagem é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos” (Kossoy, 1989, 22).

É necessário, ao se ter em mãos uma fotografia, saber identificar a qual geração a mesma corresponde, os estudiosos do assunto concordam que o original fotográfico é uma fonte primária, se constitui num objeto museológico; já a

reprodução é uma fonte secundária, é um instrumento de disseminação da informação, desta forma a criação de iconotecas tem sido incentivado, afinal a fotografia representa uma interrupção do tempo, da vida, de pessoas ou cidades, de fatos ou acontecimentos. Aprofundando este pensamento Kossoy afirma que:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado é refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em três estágios: 1º lugar uma intenção para que ela existisse; 2º lugar o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia; 3º estágio os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. (1989, 29).

A fotografia se constitui assim num espaço democrático e extremamente instigativo de nossa curiosidade em identificar pessoas e lugares, espaços e épocas. Deduzimos assim que toda fotografia é produzida com uma finalidade documental, principalmente o de preservar, congelar momentos.

Porém não basta simplesmente olhar uma fotografia e buscar somente na sua imagem desvendar sua história, é necessário alimentar esta busca com informações, de signos escritos, recuperar datas, enfim buscar nos detalhes da foto informações que nos deem pistas no desvelamento de sua real história.

Com este trabalho de garimpar informações é necessário uma visão inter e multidisciplinar, não se pretende a uma única abordagem ou vertente histórica, é necessário confrontar a imagem com todas as informações que podermos coletar, o que se define como Iconografia que seria o simples ato de descrever a fotografia e a Iconologia que busca a interpretação da imagem, confirmado por Kossoy (1989, p. 69) “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-se do contínuo da vida”.

A fotografia, embora seja um documento histórico, não reúne um conhecimento definitivo, ela é apenas uma amostra do passado, por ocasião de sua produção a mesma pode ter sido criada ou distorcida em certas cenas ou ambientes, tal situação ocorreu principalmente no final do século XIX, porém ainda hoje é comum, nos antes ateliês fotográficos e hoje estúdios fotográficos toda sorte de

fundos ou motivos, bem como de roupas que podem dar uma falsa impressão sobre a sua interpretação enquanto “imagem do real”.

Muitas cenas representadas nas fotos partiram da interpretação do fotógrafo, por que uma cena e não outra; qual o interesse do fotógrafo em determinada cena ou acontecimento retratado, não podemos esquecer que o fotógrafo profissional é alguém pago para reproduzir ou criar o que o seu cliente quer, da mesma forma o fotógrafo amador vai dar ênfase naquilo que ele acredita ser o melhor ângulo ou representação do real. A este respeito Kossoy (1989, p. 78) afirma que: “apesar da aparente neutralidade do olho da câmara e de todo o veríssimo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real selecionado e organizado esteticamente e ideologicamente”.

Como esmiuçar a fotografia, como buscar nas suas entrelinhas o conhecimento histórico ou a verdade sobre sua produção e representação? A melhor forma para isso é observá-la de forma crítica, interrogativa e especulativa. A este respeito Kossoy (1989, p. 80) coloca que o: “vestígio da vida cristalizada na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreenda os elos da cadeia de fatos ausentes da imagem. Além da verdade iconográfica”.

Não se pode dispensar a fotografia como um documento históricos, capaz de falar por si, a partir do entendimento/conhecimento que temos sobre a imagem que a mesma representa, a fotografia reproduz uma realidade, porém para a sua perfeita interpretação e compreensão faz necessário informações complementares que se consegue através do registro escrito ou da memória dos que vivenciaram ou informações possuem sobre o fato registrado visualmente, como bem afirma Kossoy (1989, p. 98): “imagens pouco ou nada informa ou emocionam àqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram”.

A foto é uma imagem única, o que a máquina fotográfica e o olho do fotógrafo captou jamais se repetirá, o registro será irreversível, cabe a quem tiver a posse desta imagem descrevê-la, se não foi feito a sua época, cabe a nós fazê-lo o

mais breve possível a fim de preservar a história que este artefato representa e trás dentro de si.

A fotografia preserva o tempo e o espaço, captura emoções e sentimentos, aprisiona para a posteridade imagens de uma época e um tempo que não retornam, saber valorizar e usar estas imagens no trabalho histórico ou de sala de aula é o grande desafio de que se habilitar a trabalhar com o uso da fotografia para “conhecer melhor” a realidade histórica, bem como compreender o que temos e somos hoje.

2 METODOLOGIA

A pesquisa seguiu os preceitos da metodologia qualitativa e quantitativa, levam como base de seu delineamento as questões ou problemas específicos. Adotada tanto em um quanto em outro a utilização de questionários e entrevistas. Os autores Boente e Braga (2004) colocam que não importa a pesquisa sempre haverá antes algum contexto que terá a parte quantitativa, diferindo desta forma de diversos autores.

Outro autor que trabalha com as mesmas definições porém com conceitos diferentes é Gil (1991; 1997).

a) quantitativa – tudo que pode ser mensurado em números, classificados e analisados. utiliza-se de técnicas estatísticas;

b) qualitativa – não é traduzida em números, na qual pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador.

De modo geral, quantitativa é passível de ser medida em escala numérica e qualitativa não.

Para a pesquisa de campo, foi aplicado um questionário com 4 questões objetivas e 1 subjetiva, sendo a última a base para a análise interpretativa que pretende responder a questões da pesquisa.

Segunda Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto.

Os sujeitos participantes foram 38 alunos do 8º ano do Centro de Ensino Fundamental 101 do Recanto das Emas – DF.

Esse grupo de alunos foi contemplado com o desenvolvimento do projeto que teve como objetivo a produção de fotos do ambiente escolar como atividade das aulas de artes. O projeto foi denominado A Percepção do Espaço Escolar na Visão do aluno do 8º Ano do E.F: Um Projeto de Fotografia do Centro De Ensino Fundamental 101-SEDF- Recanto das Emas-DF.

O projeto foi desenvolvido no período de 5 meses, duas vezes por semana. Os alunos foram preparados em sala por meio de aulas sobre teoria da

fotografia, sobre vida e obra de artistas renomados, sobre o uso da imagem na composição do conhecimento histórico e sobre as principais questões que envolvem a compreensão histórica da imagem fotográfica.

A pesquisa foi desenvolvida na escola em etapas:

Primeira etapa do projeto A Percepção do Espaço Escolar na Visão do aluno do 8º Ano do E.F: Um Projeto de Fotografia do Centro De Ensino Fundamental 101-SEDF- Recanto das Emas-DF. - realizada em sala de aula

Março – 4 aulas sobre o conteúdo referente à introdução a fotografia.

Abril – 4 aulas com a finalidade de apresentação e identificação dos principais fotógrafos e estudos dos estilos de cada um.

Segunda etapa do projeto A Percepção do Espaço Escolar na Visão do aluno do 8º Ano do E.F: Um Projeto de Fotografia do Centro De Ensino Fundamental 101-SEDF- Recanto das Emas-DF. - realizada em todo o ambiente escolar.

Maio – Em campo para estudo do ambiente a ser fotografado

Junho – capturar imagens

Agosto - revelação das fotografias e apresentação

Setembro – exposição em ambiente escolar.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados para a monografia consistiu na seleção de 5 fotografias e análise do questionário..

Optou-se pela aplicação dos questionários após a realização das imagens para que os alunos pudessem expressar a visão mais ampliada sobre o percurso de realização do projeto. Desse modo, o *corpus* da pesquisa foi constituído por fotografias, análise das mesmas e pelos questionários aplicados de forma individual aos alunos.

Cada estudante, uma turma do 8º ano, 35 alunos, todos moradores do Recanto das Emas, todos na faixa etária correspondente a série em questão, elaborou sua redação descrevendo primeiramente aspectos pessoais: onde mora, com quem e o que gosta de fazer.

As últimas duas questões envolveram o trabalho realizado, primeiramente a dificuldade que encontraram para a realização do mesmo e finalmente o resultado obtido.

Questionário

Nome: _____ Idade: _____

Cidade Satélite: _____

Escola: _____

1- É utilizador das mídias digitais diariamente?

() sim () não

2 -É utilizador da fotografia como meio de expressão?

() sim () não

3-Utilizou equipamento próprio?

() sim () não

4 – Deve dificuldades com a atividade?

() sim () não

5 – Descreva um pouco sobre você

Resultado do questionário

Perguntas objetivas do questionário e quantidade de respostas por questão.

A questão número 5 era de caráter subjetivo.

Pergunta	1 -É utilizador das mídias digitais diariamente?	2 - É utilizador da fotografia como meio de expressão?	3 - Utilizou equipamento próprio?	4 - Teve dificuldades com a atividade?	Total de alunos entrevistados
Quantidade de alunos	38	38	37	35	38

3.1 Gramática do Design Visual

Gunther Kres e van Leewen baseados na Gramática Sistêmica de Haliday, adaptam essa teoria para o foco do estudo da imagem, criam a Gramática do Design Visual (GDV) e despontam como os maiores estudiosos dessa área na contemporaneidade. Essa teoria se ampara na funcionalidade dos elementos visuais dispostos em uma imagem e apontam três meta funções: representacional, interacional e composicional.

Representacional: esta função engloba os seres participantes/representados da imagem: humanos, animais, objetos, etc e o modo como eles se relacionam para representar as experiências de mundo. Esta meta função é subdividida em: narrativa e conceitual.

Narrativa: ações são executadas. *Ação Transacional:* Há a presença de mais de um participante: aquele que realiza a ação (ator) direcionada por meio de um vetor (linha imaginária que liga os participantes) àquele que recebe a ação (meta). *Ação não transacional:* há apenas um participante e sua ação não se direciona a nada nem ninguém, ou seja, não existe uma meta; *Reação transacional:* a ação envolve o ato de olhar gerando uma reação. Tem-se então aquele que olha o reator, o traço imaginário que indica a direção do olhar – o vetor e aquele que é o objeto do olhar – o fenômeno; *Reação não transacional:* não aparece aquilo ou aquele que é olhado.

Conceitual: esta função se refere a imagens estáticas e ocorre por meio de três classificações: *Analíticas:* as relações entre os participantes se dá mediante a parte pelo todo e podem ser estruturadas e desestruturadas; *Simbólicas:* refere-se a significação da imagem; *Classificacionais:* há uma organização simétrica de objetos, pessoas e lugares obedecendo a uma taxionomia hierárquica em que há um super-ordinado que se relaciona a um subordinado sem a presença de vetores. Quando a relação é suprimida temos a relação coberta e quando é explícita temos a relação evidente. *Interativa:* aborda a relação interacional entre os PR – Participantes Representados e PI – Participantes Interativos. Os PR são os seres

que aparecem na imagem e os PI aqueles que a vem. Esta relação é percebida por quatro aspectos: contato, distância, atitude e modalidade.

Contato: se estabelece através da direção do olhar do PR que pode ser de demanda – olhar frontal ou de oferta – olhar oblíquo.

Distância social: enfoca a questão do enquadramento que possibilita uma maior ou menor sensação de intimidade com o ser representado. Esse enquadramento pode ser em: Plano aberto: foca o corpo inteiro – social ; Plano médio - exposição do participante até a cintura ou o joelho – pessoal ; Plano fechado - focaliza o rosto até no máximo o ombro .

Atitude ou Perspectiva: refere-se a perspectiva em que a imagem está disposta nos ângulos frontal ,oblíquo ou vertical e evoca uma relação de poder - quando disposta no ângulo alto os PRs estão hierarquicamente mais poderosos e quando estão no ângulo baixo, abaixo do olhar do observador, aquele que observa – PI - é o que detém mais poder ficando então os PRs numa posição inferiorizada.

Modalidade: representa o nível de realidade da imagem que pode ser sensorial ou naturalista. Quanto mais próxima do real tem-se mais modalidade e quanto menos a modalidade é reduzida.

Composicional: investiga o layout, a estrutura e a disposição dos elementos na imagem. Divide-se em categorias: valores informacionais (dado/novo/ideal/real); moldura (o modo como os elementos se integram na imagem) e a saliência (elementos mais ou menos salientes na imagem)

De acordo com a Kress e van Leewen, os elementos representacionais, interativos e compositivos têm que estar integrados, sendo que alguns elementos podem receber mais ou menos atenção do leitor na composição do todo. Agrupadas em 3, foram divididas em princípios de composição:

Princípio 1

Valor de informação: o local dos elementos tem específicos valores informacionais anexados às várias zonas da imagem: direita e esquerda, parte superior e parte inferior, centro e margem.

Princípio 2

A saliência: estabelece uma hierarquia de importância entre elementos que são feitos para atrair a atenção do leitor em diferentes graus, plano de fundo ou primeiro plano, tamanho, contraste de tons e cores.

Princípio 3

Estruturação : é a presença ou ausência de planos de estruturação, realizado por elementos que criam linhas divisórias, ou por linhas de estruturação reais. São elementos da imagem, significando que pertencem ou não ao mesmo sentido.

3.2 Análise de Imagens

A fotografia só existe a partir do momento em que é percebida e lida, ou seja, quando interpretada e investida de sentido pelo receptor.

Pesquisadores como Kress e van Leeuwen (2000), Sturken e Cartwright (2005), Burgin (2005) e Evans (2005) utilizam a teoria semiótica para análise que fazem de imagens, entre elas da imagem fotográfica.

Sturken e Cartwright (2001) argumentam que os significados da imagem não estão somente nos elementos da imagem “mas são adquiridos quando esses elementos são consumidos, vistos e interpretados”. Sendo assim os significados das fotografias podem ser criados e/ou modificados a cada vez que elas forem vistas, e o contexto sócio-histórico de quem a produz e de quem a vê influenciará na sua interpretação.

Nesse processo, busquei, imagens que reproduzissem o olhar de cada aluno através de sua percepção do ambiente escolar e que os temas não fossem repetidos.

Em nenhum momento, a escolha levou em consideração o feio/bonito ou a imagem que mais me tocou.

Imagem 1 - Uma imagem que reproduzisse um momento do dia a dia;

Imagem 2 -Uma imagem em preto e branco;

Imagem 3 -Uma imagem que representasse natureza;

Imagem 4-Uma imagem de abandono;

Imagem 5 -Uma imagem de destruição do ambiente escolar ou da comunidade.

A análise realizada teve como base o questionário respondido por cada aluno bem como as nomenclaturas utilizadas na gramática de design visual De Gunther Kress e van Leewen, divididos nos 3 princípios já citados anteriormente.

Imagem 1

Imagem que representa aquilo que é habitual ao ser humano, está presente na vivência do dia a dia.



Autora: Bárbara Bruna (aluna) Tema: Aquarela

Aluna de 13 anos de idade, moradora do Recanto das Emas. Gosta de cozinhar e ficar sabendo das últimas tendências da moda. De acordo com a aluna, “a fotografia é um modo de se expressar assim como aqueles que pintam e escrevem”.

A imagem, registrada através de um celular, demonstra, na visão da aluna, que as cores do lápis de cor podem significar o humor que encontramos naquele momento. O que talvez justifique o tema dado a imagem.

A foto foi tirada em sala de aula, em um momento de distração do professor. O ângulo e o enquadramento não foram pensados ou calculados. Não existe tratamento ou filtro na foto.

Análise

Fotografia representativa conceitual, o ser participante é um objeto, uma imagem estática .

A Imagem central é o estojo escolar. Uma figura não plana, composta por vértices e arestas.

Apresenta comprimento, largura e profundidade na imagem, formando entre as arestas ângulos de 90°, lembrando assim, blocos retangulares.

Aquarela é uma fotografia que apresenta três planos. O primeiro é composto pelo objeto verde, a tampa de uma caneta. O segundo plano é o objeto central, estojo escolar colorido, com predominância da cor branca. O objeto forma uma linha de olhar no qual o espectador percorre toda a fotografia seguindo uma profundidade. O terceiro plano é composto por um bloco de livros e cadernos.

Os três elementos encontrados na imagem , mesmo com tamanhos diferentes, são elementos que dialogam entre si, têm o mesmo objetivo. O material escolar utilizado no dia a dia serviu de inspiração.

Imagem 2

Imagem que não tem cor, possui o preto, branco e as matizes como compositores.



Autora: Érika Dias Oliveira (aluna). Tema: Ciclo

Aluna de 13 anos de idade, moradora do Recanto das Emas. Gosta de esportes, de música sertaneja, ir à escola e assistir televisão. É organizada e pontual, “não suporto que alguém se atrase”.

A imagem, registrada através de um celular, foi tirada no banheiro feminino da própria escola. É o interior de um cano por onde desce a água da pia.

O tema foi escolhido, de acordo com a aluna, porque a água faz parte da vida de todo ser vivo, inclusive nós que não vivemos sem esse recurso natural, por isso o nome CICLO, que lembra o ciclo da vida.

O ângulo e o enquadramento foram ao acaso, a aluna preferiu utilizar o recurso de um aplicativo para deixar a foto preta e branca.

Análise

Fotografia de modalidade sensorial, mais próximo do naturalismo.

Ciclo é uma imagem que tem como base uma forma plana, uma circunferência que faz com que o olhar do espectador acompanhe a fotografia gerando um movimento contínuo e remetendo ao espectador uma certa profundidade central, apesar de conter apenas um plano.

Figura simétrica em relação a um número infinito de pontos. Um não polígono, formando um desenho de 360°, acompanhado de mini círculos que dão volume a imagem.

A imagem tem matizes de cinza, o que foi adquirido através de um filtro utilizado pelo aluno ao revelar a fotografia.

A água é o elemento principal, uma água que escorre sobre o ralo, formando assim um ciclo, um processo.

Imagem 3

Imagem que representa o mundo natural, a vida. Não construído pelo homem.



Autor: Lucas Gabriel Melo da Silva (aluno). Tema: Outono

Aluno de 12 anos de idade, morador do Recanto das Emas. Aluno introspecto, preferiu não declarar o que gosta de fazer.

A imagem registrada através do celular foi tirada na pressa, como declarou o aluno. “ Tirei a foto do primeiro lugar que avistei. Fui o último a entregar o trabalho. Tirei a foto de uma pedra com alguns pingos de tinta amarela e deu no que deu.”

O mesmo gostou muito do resultado e pensa que foi sorte ter conseguido uma imagem tão bela. O tema foi escolhido por conta da imagem lembrar a própria estação do ano, OUTONO.

O ângulo e o enquadramento foram ao acaso, o aluno preferiu não utilizar nenhum tipo de tratamento na imagem.

Análise

Imagem representacional conceitual analítica, uma imagem estática estruturada pelo todo.

Outono é uma imagem que não tem um elemento central.

Algumas formas e cores dirigem o olhar do espectador para o canto direito, onde a forma mais densa se concentra.

Uma linha compositiva, elemento existente na imagem fotografada, divide a mesma em dois, horizontalmente.

Tem o formato de um retângulo, representando as imagens planas, um polígono, sem profundidade.

As cores predominantes são o cinza e o amarelo, cor essa que faz com que o olhar capte pontos específicos na fotografia.

Imagem 4

Imagem da não aceitação, rejeição, desprezo.



Autora: Letícia Rocha de Souza (aluna). Tema: A Estrada da Vida

Aluna de 13 ano de idade, moradora do Recanto das Emas, gosta de esportes, músicas, de ser organizada, de objetos criativos e interessantes, e de acontecimentos históricos.

A imagem registrada através do celular, foi tirada no estacionamento da escola.

O tema foi escolhido ao ouvir uma música, dentro do carro de seu pai, “Estrada Da Vida, porque está relacionada a pneus e justamente nesse dia eu estava ouvindo uma música que tinha esse título, eu estava dentro do carro, indo viajar, a música era muito boa e dava a sensação de relaxamento”.

A aluna usou um aplicativo para deixar a imagem menor e com essa tonalidade.

Análise

Imagem de modalidade conceitual de atitude desestruturada, imagem estática disposta em dois planos.

A Estrada da Vida é uma fotografia com formas não planas, arredondadas, pneus que formam uma composição utilizando semi círculos .

Duas linhas formadas, uma pela parte interior do pneu e outra pela parte superior do outro, fazem com que o olhar do espectador siga horizontalmente e verticalmente, não necessariamente nessa ordem.

Por conta dessas linhas, a fotografia é “cortada “ ao meio , podendo assim ser dividida em duas sub imagens.

Elementos em tons terrosos, dialogam com o título da imagem.

Imagem 5

Imagem que representa o destruir, a extinção o fim..



Autora: Camilla Amaral Santos Reis Igino (aluna). Tema: Os fins Determinam os Meios

Aluna de 14 anos de idade, moradora do Recanto das Emas. Gosta de comer besteiras, principalmente batata frita e hambúrguer, se intitula amiga e explosiva.

“Ao sair da sala de aula, vi uma rachadura no chão. Era da porta até o chão de cimento e eu pensei que poderia me dar uma boa foto.”

De acordo com a aluna, a imagem representa duas coisas: um rio que secou por conta da seca e um penhasco.

“Estava sem criatividade para o tema da minha foto. Coloquei os Fins Determinam os Meios porque pra mim aquela rachadura foi provocada pelo tempo que a escola foi construída e está sem reforma”.

A aluna usou um aplicativo para deixar a imagem com essa tonalidade.

Análise

Imagem representacional conceitual analítica, explicita uma experiência de mundo, tempo. Uma imagem estática desestruturada.

A fotografia apresenta três pontos não lineares que determinam o direcionamento que o olhar do observador segue e fazem com que o olhar divida a imagem formando dois triângulos , do lado direito superior e esquerdo inferior.

O sulco que o elemento que forma a destruição forma, faz com que a imagem tenha uma profundidade imagética.

Predominância de tons terrosos que se contrastam , pertencem ao mesmo sentido de estruturação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem visual possui aspectos multimodais que a fazem exigir do observador competências leitoras mais apuradas e sofisticadas. Por isso, como nas escolas esse tipo de leitura é raramente estimulada. Os alunos sentem grande dificuldade em compreender esse tipo de gênero, tornando-se então de grande relevância atividades que visem completar essa lacuna nas experiências estudantis.

Foi percebido através desse projeto o quanto os alunos se envolvem e se destacam quando damos novas possibilidades de aprendizado.

Após o estudo teórico sobre fotografia, os estudantes tiveram um empenho quanto a realização da etapa de captura de imagens. Alguns alunos me apresentaram várias propostas para escolha da imagem final. Foram tantas possibilidades que alguns alunos acabaram entregando um número maior de fotografias solicitadas.

Quanto professora, sinto – me realizada com o resultado do projeto. Um trabalho que começou com a simples pretensão em utilizar os aparelhos eletrônicos de uma forma artística e, resultou em obras de arte.

Após o Centro de Ensino Fundamental 101 do Recanto das Emas, esse projeto será utilizado nas turmas do EJA.

Espera-se que com esse novo olhar sobre o letramento através da imagem fotográfica, possa revelar ações que impliquem em um novo olhar para os multiletramentos na escola, havendo assim a possibilidade de realizar novos trabalhos com a fotografia que favoreçam o modo de aprender a ver o mundo.

Uma forma de utilizar a tecnologia e a facilidade que nossos alunos têm com as novas mídias a nosso favor. A favor da arte e da escolarização.

5. BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAGNO, Marcos. *Linguagem materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002. 143p.
- BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. *Metodologia científica contemporânea*. Rio de Janeiro.
- BERNIER, Jules. *200 assuntos fotográficos*. 1. ed. São Paulo: Iris, 1970. 168p.
- BUSSELLE, Michael. *Tudo sobre fotografia*. São Paulo : Círculo do Livro, 1988, 224 p.
- DIONISIO, Ângela P. *Gêneros multimodais e multiletramento*. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- HEDGECOE, John. *Guia completo de fotografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996-2001. 224p.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- KRESS, Gunther R; VAN LEEUWER, Theo; *A leitura da imagem: a gramática do design visual*, 2006.
- KUBRUSLY, Cláudio A., *O que é Fotografia*, Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1982
- MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PARASURAMAN, A. *Marketing research*. 2 . ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo; SENAC.2009.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007

6. ANEXOS



Maria Laura Machado

Tema: Conservação Ambiental



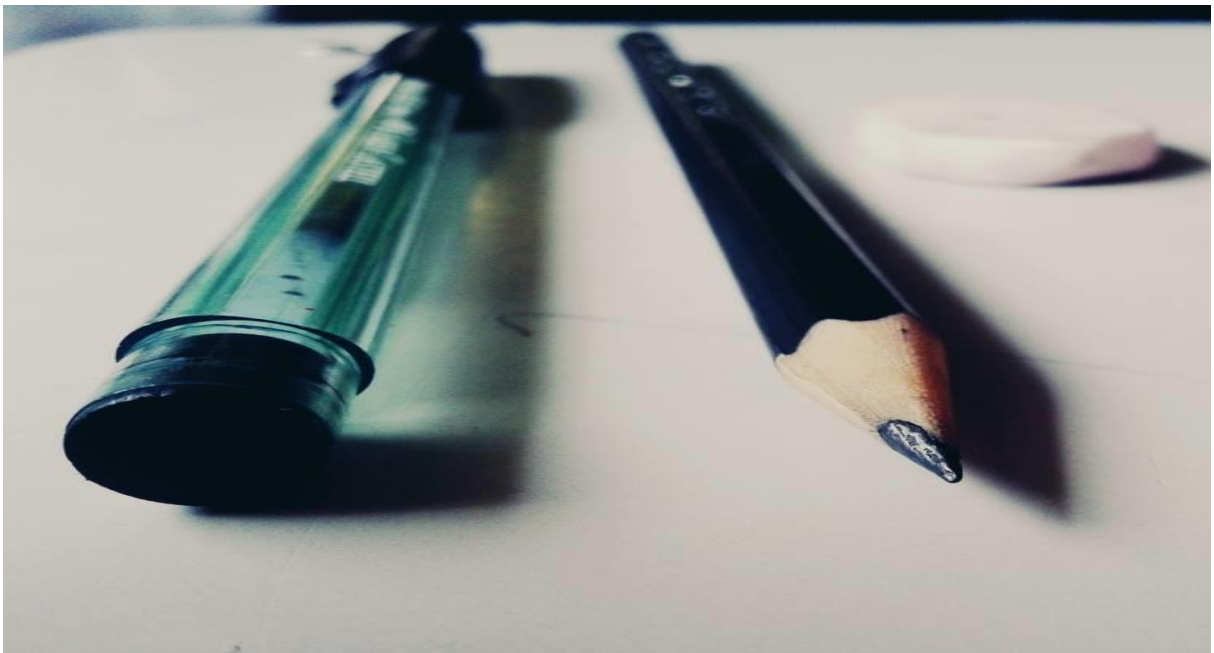
Jordana Silva

Tema: Túnel Sombrio



Mikaely da Silva

Tema: O Caminho Sem Volta



Camila Amaral

Tema: Um Sonho Inacabado